

UMA EXPERIÊNCIA IMERSIVA NA CULTURA INDÍGENA: PASSOS DE INTERCULTURALIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

IMMERSIVE EXPERIENCE IN INDIGENOUS CULTURE:
INTERCULTURAL STEPS IN PSYCHOLOGY EDUCATION



Volume 6 Nº 14
Janeiro/Junho 2026

Érica Henrique Ribeiro de Andrade¹
Roberto Carvalho Alves Filho²

¹Docente do curso de Psicologia. Supervisora em Psicologia Comunitária e Gestalt-terapia. Orientadora da Linha de Estudos sobre Psicologia Comunitária, vinculada ao LEPE/CNPQ. – ISECENSA, ericaandrade@isecensa.edu.br

² Coordenador do curso de Psicologia e da Clínica de Psicologia Anita Balestieri – SPA/ISECENSA, robertofilho@isecensa.edu.br

RESUMO

A experiência vivida no Festival Motirô surgiu da necessidade de aproximar alunos do curso de Psicologia à cultura e à realidade dos povos indígenas. Alunos do sétimo período cursando a disciplina Estágio Básico em Psicologia Social e Comunitária e alunos envolvidos na Linha de Estudos em Psicologia Comunitária tiveram a oportunidade de participar de oficinas, rodas de canto e dança, e de ouvir professores, historiadores e escritores durante a programação. Dessa forma, foram sensibilizados à cultura e à resistência indígena nos dias atuais e foi promovida, assim, a possibilidade de uma prática psicológica futura mais consciente, ética e intercultural.

Palavras-chave: Povos originários; Indígenas; Psicologia Comunitária.

ABSTRACT

The experience at the Motirô Festival arose from the need to bring undergraduate Psychology students closer to the culture and reality of the indigenous peoples. Seventh-period students taking the Basic Internship in Social and Community Psychology discipline and students involved in the Community Psychology Studies line of research had the opportunity to participate in workshops, singing and dancing circles, and listen to professors, historians and writers during the program. In this way, they were sensitized to indigenous culture and resistance in the present day, thus promoting the possibility of a more conscious, ethical, and intercultural future psychological practice.

Keywords: Indigenous Peoples; Indigenous; Community Psychology.

APRESENTAÇÃO

A presente atividade partiu da necessidade urgente de aproximação dos alunos do curso de Psicologia com a realidade dos povos originários, mais especificamente da população indígena. Esta ação ocorreu dentro das atividades da disciplina Estágio Básico em Psicologia Social e Comunitária, sendo também uma das ações de sensibilização promovidas pela Linha de Estudos em Psicologia Comunitária, vinculada ao Laboratório de Pesquisas sobre Processos de Estigmatização (LEPE/CNPQ).

O objetivo geral era promover o contato dos acadêmicos com as necessidades psicossociais dos povos originários. Especificamente pretendia-se acessar um pouco da imensa riqueza cultural indígena, bem como iniciar um espaço de diálogos favorecedores ao

desenvolvimento pessoal e profissional necessários a uma prática em Psicologia que seja ética e intercultural.

A ação envolveu os alunos do sétimo período do curso, bem como os integrantes da linha de pesquisa, tendo ocorrido no Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro no espaço do casarão histórico do local e nas partes externas com vasta área verde de preservação da mata atlântica. A programação preparada pela Organização de várias etnias presentes no estado do Rio de Janeiro era aberta a todo público, tendo ocorrido ao longo de todo o sábado, 28/03/2026.

Os alunos puderam participar de diversas atividades que promoviam informação, sensibilização, experiências e contato com a ancestralidade. As oficinas foram conduzidas e ministradas por escritores, professores, artesãos, músicos de diferentes origens étnicas. Indígenas das etnias:

XAVANTE

PURI

TUPINAMBÁ

MARAJOARA

ANAMBÉ

XAKRIABÁ

GUAJAJARA

compartilharam seus saberes e apresentaram parte de sua cultura, incluindo danças e gastronomia.

Os alunos tiveram acesso a todas as oficinas, e além disso a possibilidade de contato e convivência informal com a população que os recebia nesta data. A

Roda de Maracá foi o ritual de boas-vindas na acolhida dos alunos.

Inicialmente uma roda e cantigas que se davam diante dos expectadores, mas em alguns minutos todos os presentes estavam inseridos na roda e na dança de abertura.

A discente Letícia de Azevedo Travassos Muniz, aluna do quinto período do curso de Psicologia e pesquisadora voluntária da Linha de Estudos sobre Psicologia Comunitária, compartilha sua experiência:

“Eu participei da Roda de Maracá, aquela da abertura. Eu fiquei confusa de início. Senti meu coração na boca! Aquele momento despertou em mim emoções à flor da pele. Foi uma experiência muito diferente de tudo que já vivi. Me deu um ponto de vista diferente das coisas”.



Figura 1: Pesquisadores da Linha de Estudos sobre Psicologia Comunitária, junto à Profa. Érica Ribeiro-Andrade

Experiências de contato com a natureza em plena reserva de Mata Atlântica foram possíveis ao longo da trilha conduzida por Ricardo Santos, que além apresentar diferentes espécies de flora, trazia parte da história ancestral indígena de respeito e validação dos saberes vindos da natureza.

Ao longo do dia várias rodas de contação de histórias iam acontecendo e reunindo os participantes ali mesmo, onde antes era o espaço da cerimônia de Maracá. As histórias traziam além dos contos peculiares da cultura indígena, mas também uma mostra importante aos alunos sobre como o canto e o uso de instrumentos tradicionais aumenta a

capacidade de atenção focada de quem ouve ampliando, portanto, níveis de aprendizagem e desenvolvimento pretendidos. A experiência na Oficina de Contação de história conduzida pela indígena Melissa Xakriabá, artista, escritora e pesquisadora de múltiplas linguagens e formas de acessibilidades, impactou a aluna Juliana Policani de Aguiar:

“Eu gosto muito de história. Achei muito legal que a contadora de histórias incluía o filho dela, criança autista, dentro das histórias. Ele participava ativamente da contação. Achei muito interessante que pude perceber nas histórias, coisas sobre a religiosidade deles, e sobre o contato deles com a natureza.”



Figura 2: Participantes interagindo durante a Oficina de Contação de Histórias

Nas oficinas de escultura, trançado, sementes e colagens, os alunos conheceram um pouco da arte indígena, tendo sido convidados a criar, aprendendo parte das técnicas e materiais pertinentes à referida cultura.

Na Oficina Sonoridades Dauá Puri foram apresentados aos alunos diferentes tipos de instrumentos, sons e motivos para expressão destes sons na cultura indígena.



Figura 3: Sentados em esteiras de palha. Ouvindo, aprendendo, surpreendendo-se.

A última oficina do dia foi a Roda de Carimbó, outra expressão de arte e dança da cultura indígena conduzida por Clailde Kaapor. Nesta experiência, roupas típicas foram distribuídas aos alunos, movimentos foram ensinados e principalmente, estimulados, já que a grande ênfase apresentada era a de permitir o próprio corpo ao fluir livremente no ritmo dos sons e do contato com o outro que integra o momento de roda. Este foi um dos grandes momentos de partilha e interação coletiva do Festival

Motirô. Por meio da dança, sonoridade e contato com o outro, indígenas e não indígenas estabeleciam pontos de contato e qualidade de interação.

Além disso, os alunos puderam ter experiências gustativas, gastronômicas e até de moda das mais diversas, uma vez que havia uma feira de exposição e comercialização de produtos de cultivo e fabricação indígenas. O Museu abrigou também uma exposição de Arte Indígena que contava com peças oriundas de diferentes etnias.

As experiências de interculturalidade têm como benefício não somente acessar diversidade cultural, mas aprender novos e mais eficazes modos de ser e estar no mundo em seus diferentes campos de atuação. Modos mais funcionais podem ser descobertos quando há uma auto permissão para afetar-se pela alteridade que se presencia. Este foi um dos grandes impactos acadêmicos desta ação.

A relevância desta ação tem contornos sociais, culturais e institucionais significativos. É a partir do respeito e da valorização das culturas originárias do país que amplia-se a

possibilidade de diálogos entre os povos indígenas e quilombolas e as categorias profissionais que podem tanto aprender com os saberes ancestrais, quanto aplicar seus saberes ao cuidado com a referida população. Estudar Psicologia, na perspectiva Salesiana adotada pelo ISECENSA, envolve o compromisso com todos os povos que somos, e a valorização de toda riqueza cultural que se chama brasileira. Acredita-se que desta forma, seja possível, entregar à comunidade, profissionais mais humanos e eficazes ao seu alcance.



Figura 4 Alunos, pesquisadores e professora no encerramento do evento.